

# DE UMA PASTA DE VELHOS RECORTES

## MAQUIAVEL E O MAQUIAVELISMO

Conde Emmanuel de BENNIGSEN\*

Existem certo epítetos que, inventados há séculos não perdem o caráter errôneo, embora a exegese histórica tenha estabelecido, há muito, sua inexatidão, assim como existem reputações históricas que não correspondem absolutamente aos fatos reais. Um exemplo destas reputações é oferecido por Lucrecia Borgia, mulher tida como incestuosa e criminosa, e da qual se afirma atualmente não haver sido culpada nem de uma nem de outra coisa; quanto aos epítetos não correspondentes à verdade, pode-se citar o "maquiavelismo", ou "política desprovida de consciência e de boa fé", segundo determina o Larousse. Esta política desonesta existiu em todos os tempos. Encontram-se exemplos desde a origem da humanidade, em Homero, e mesmo a Bíblia nos oferece muitos deles. E até nos dias correntes vemos o epíteto de maquiavelismo atribuído quase diariamente e muitas vezes com razão aos homens de Estado dos diferentes países.

Maquiavel, porém, contemporâneo dos Bórgias, modesto italiano pelo seu berço e pela situação que ocupou, não é, em todo caso, nem o criador dessa política e, em certo grau, nem mesmo seu defensor absoluto. Filho de seu século, vendo à sua volta apenas crueldades, crimes de toda sorte e sobretudo estupidez, muito fraco e insignificante por si mesmo para mudar o curso da História pôde somente sonhar com uma época melhor. Seu ideal era a república romana dos primeiros séculos e, no fim da vida, aconselhar aos Medicis uma conduta que, nas condições do seu tempo, era a mais apropriada para proporcionar felicidade ao país. Maquiavel estava imbuído

(\*) Nobre russo exilado pela revolução de 1917, o Conde Emmanuel de Bennigsen radicou-se em São Paulo, onde viveu até o seu falecimento. Colaborou, com muita freqüência, em "O Estado de S. Paulo", no qual tratava de temas de grande interesse relativos à literatura, história, política, etc. O artigo que aqui se transcreve foi publicado em "O Estado" no dia 16 de junho de 1940. Apesar de seus 55 anos, não perdeu o interesse, como o leitor o verá. (Nota da Redação).

da filosofia do seu século; ser-lhe-ia impossível escrever outra coisa a não ser o que chegou até nós com seu nome. Deve-se, ao contrário, admirar que as desgraças por ele sofridas não o tenham impedido de conservar sempre certo idealismo.

Nicolau Maquiavel nasceu em 1468, de antiga e abastada família burguesa, que deu a Florença, durante dois séculos, muitos funcionários. Viu a luz no período mais dissoluto, quando Lourenço de Medicis afirmava que com “pane e feste tengono il popolo quieto”. Viu também a época do rigorismo de Savonarola, de quem escreveu mais tarde que “de um homem tão grande só se pode falar com respeito”. Nada se conhece, entretanto, sobre Maquiavel durante esse período. Aos 23 de maio de 1498, Savonarola foi queimado vivo e, a 15 de junho do mesmo ano, Maquiavel foi eleito primeiro secretário do governo que dirigia a república florentina. Ocupou-se, então, sobretudo, dos negócios diplomáticos e militares, sendo enviado em missões fora do país, trinta vezes, durante os quatorze anos que esteve nesse cargo. Florença era um pequeno país que dispunha apenas de uma única força, a da sua riqueza, a qual lhe permitia comprar o auxílio dos vizinhos armados. Não possuía exército próprio (é verdade que os outros Estados italianos geralmente também não o tinham) e contentava-se em comprar o auxílio dos “condottieri”. Estes mercenários, porém, só eram fiéis quando bem e regularmente remunerados e, à menor dificuldade financeira dos seus senhores, estavam prontos a abandoná-los ou mesmo a traí-los. Havia-os em massa, pois sua profissão era relativamente bem paga, as pilhagens proporcionavam abundante presa, não tinham necessidade de trabalhar e o perigo de morte era mínimo, uma vez que as batalhas de que falam os cronistas da época terminam quase sem efusão de sangue. Maquiavel via claramente os defeitos de tais mercenários, tornando-se partidário convicto de um exército nacional regular. Mais tarde, tentou organizar um em Florença, não obtendo êxito porque era mau organizador e porque seus compatriotas preferiam o comércio às armas. Retomou essa idéia, posteriormente, em suas obras literárias.

As missões diplomáticas de Maquiavel coincidiram com a luta de Florença contra Pisa e com as invasões da Itália pelos franceses de Luís XII e pelos espanhóis. Foi também ao tempo em que o papa Alexandre VI planejava formar um Estado poderoso na Itália Central para seu filho César Bórgia. Florença encontrava-se, portanto, entre forças muito superiores às suas e só sua própria diplomacia a salvou. Maquiavel foi enviado a negociar, com cada um dos potentados do seu tempo e a correspondência escrita por ele ao seu governo prova que era dotado de espírito fino e clarividente. De todos os homens por ele visitados o que lhe deixou mais forte impressão foi

César Bórgia. Dizia-se que o papa Alexandre Bórgia “não fazia jamais o que dizia” e que seu filho, ao contrário, “não dizia jamais o que fazia”. Era, portanto, bem difícil Maquiavel penetrar nos planos do jovem conquistador; de qualquer forma, o governo ficou satisfeito com os resultados obtidos por Maquiavel junto a César. Este, conforme os juízes atuais, não passou de um monstro; o ambiente em que vivia, no fundo, não era melhor. Não é de admirar, portanto, que Maquiavel não reprovasse sequer o pérfido assassinio, em Sinigaglia, no ano de 1507, dos Vitali e Orsini, aos quais César pretendia arrebatara os feudos, assassinios esses quase testemunhados por ele.

Maquiavel tornou a encontrar César Bórgia em Roma, para onde foi enviado após a morte de Alexandre VI, a fim de apoiar a eleição à Santa Sé de um candidato favorável a Florença. César, porém, estava doente devido ao mesmo envenenamento que lhe matara o pai, e, portanto, inativo, o que acarretou sua perda, que Maquiavel parece ter deplorado sinceramente.

*Maquiavel conheceu muitos outros estadistas. Durante suas missões esteve nas cortes de Luís XII e do imperador Maximiliano, viu o papa Júlio II e Carlos de Bourbon, tratou com o Conselho de Veneza, mas ninguém lhe deu mais forte impressão do que a que recebera de César Bórgia. Deve ser este o motivo principal da influencia da política desse aventureiro no maior livro de Maquiavel. Pode-se dizer que certas páginas do seu Príncipe são o retrato vivo de César. Maquiavel continuou a servir à cidade até 1512, quando ela foi conquistada pelo papa e pelos espanhóis, sendo entregue aos Medicis. Perdeu, então, o cargo e, um ano depois, aparecendo seu nome em uma lista feita por um conspirador, foi mesmo preso e submetido a torturas. Libertado, permaneceu durante sete anos em sua pequena propriedade de campo em S. Casciano, e foi então que escreveu suas obras mais importantes. Além de trabalhos políticos e históricos escreveu também, durante esse tempo, uma comédia **Mandragora**, que obteve grande êxito. Depois de 1520 recomeçou a receber pequenos encargos (em Lucca, em Veneza) e, em seguida, o encarregaram dos trabalhos de fortificação de Florença. Não conseguiu, entretanto, recuperar o antigo prestígio. Os Medicis também o encarregaram de escrever uma história de Florença, o que ele executou, levando sua descrição até a morte de Lourenço, o Magnífico. Mas tal história, muito lisonjeira para os Medicis, tirou-lhe as simpatias republicanas e, quando em 1527, os Medicis foram banidos de novo, Maquiavel não conseguiu dos republicanos nenhum emprego. Morreu logo depois.*

A vida particular de Maquiavel não é muito simpática. Casado e pai e cinco filhos, perseguia as mulheres, não poupando mesmo as mais

apagadas cortesãs. Adorava todos os prazeres e era jogador. Por ocasião da sua última missão a Veneza, não obstante seu caráter oficial, jogou muito, vangloriando-se de haver ganho três mil florins.

Como já disse, a antiga Roma republicana era o ideal de Maquiavel, e Rousseau, posteriormente, considerou-o como um verdadeiro republicano; mas suas tendências republicanas não são muito acentuadas, e não o transformaram em teórico da república. Ele é apenas um observador dos fatos dos quais tira suas próprias conclusões. Consideraram-no precursor da unidade italiana. Villari, durante o “Risorgimento” e Mussilini, na era presente, apreciam-no exatamente como tal, embora Cavour prefira Guicciardini. Mas existe uma grande diferença entre as opiniões nacionalistas italianas de outrora e as de hoje: não era a união nacional que agradava a Maquiavel, mas sim a possibilidade de levar uma vida tranqüila, trabalhar em comércio e enriquecer. As constantes lutas dos pequenos Estados italianos e as intervenções dos franceses, espanhóis e suecos na Itália tornavam impossíveis os sonhos de Maquiavel, que aspirava unicamente a criação de um Estado italiano mais forte e que garantisse a tranqüilidade.

Durante toda sua vida, observou uma única tentativa com essa finalidade e foi a de Alexandre VI e César Bórgia, que acompanhou sem nenhum escrúpulo e aprovou. A Maquiavel nunca passaram despercebidas as características das personalidades com que conviveu, mas não se pode saber exatamente o que o encantou em César Bórgia; no entanto, repitamos ainda uma vez, nas suas opiniões políticas deixou um grande traço, talvez precisamente porque a realização de seus planos deveria trazer tranqüilidade à Itália Central. Note-se que Maquiavel não foi, em geral, um espírito apto a prever o futuro. Na sua “arte da guerra”, não compreendeu o papel que poderia representar a artilharia e também não previu a influência, sobre a vida européia, da Reforma de Lutero e das grandes descobertas geográficas que coincidiram justamente com sua vida. A unidade da Itália, tal como se fez, não foi de forma alguma prevista por ele, que apenas observou um único fato certo: que o maior obstáculo para essa unidade residia no poder secular dos papas.

As opiniões “republicanas” de Maquiavel estão expostas no seu **Discurso sobre Tito Lívio**, ao passo que todo o seu “maquiavelismo” se concentrou mais tarde no **Príncipe**. Este livro, que só se tornou célebre muito depois da morte do autor, devia, segundo as intenções deste, ser-vir-lhe para conquistar as boas graças dos Medicis. Compreende-se porque seu tom não poderia ser republicano. Maquiavel não é um moralista, não fala nesse livro de virtudes a aplicar, pois apenas dá conselhos práticos para alcançar

o poder e conservá-lo. Seu ponto de partida é que o homem é ingrato, inconstante, simulador e cúvido e que o chefe do Estado deve, portanto, supor que todos os homens são perversos. Em particular, a principal qualidade da plebe é regozijar-se com o mal. E como os homens só admiram o êxito, os vencedores não devem envergonhar-se dos meios pelos quais chegaram à vitória. O desejo de conquistar o poder é louvável quando se dispõe de meios; do contrário, é digno de censura. Como os outros homens, o príncipe não deve fiar-se unicamente na sorte: deve mudar de conduta segundo as circunstâncias. Entretanto, vale mais ser impetuoso que circunspecto porque "a sorte é mulher; é preciso combatê-la e enfrentá-la". O poder pode ser conseguido talvez pelo valor ou pela sorte, mas também pela crueldade; esta, entretanto, só deve ser empregada no advento do poder e, em seguida, ser substituída pelas boas ações, para conquistar os corações. É melhor para um príncipe ser amado e temido ao mesmo tempo. Mas se ele não conseguir tudo isso é melhor ser temido. Para ser temido, um príncipe poder tirar a vida aos súditos, mas não deve tocar em suas propriedades, nem na honra de suas mulheres porque então será odiado e isto é perigoso. É louvável ser fiel à sua palavra, mas os príncipes que não a têm levam vantagens; é preciso saber somente escolher a melhor maneira de agir, procurando a mais proveitosa no momento, pois há duas, a da raposa e a do leão.

O príncipe tem, por natureza, as mesmas virtudes e mesmos defeitos que o povo. Não precisa possuir todas as virtudes, mas deve aparentá-las, sobretudo a religião (era assim que Fernando, o católico, praticava a paz e a boa fé, sendo inimigo das duas). Frequentemente as virtudes lhe são mesmo perigosas, porque ninguém aprecia devidamente os motivos de uma ação e sim apenas os seus efeitos. Neste terreno Maquiavel é um precursor do jesuitismo, que também justifica os meios.

Citei apenas algumas idéias de Maquiavel. Algumas são hoje inaplicáveis, outras nos parecem muito ingênuas, mas o que resta nos dá o direito de classificá-lo, sobretudo, como oportunista. Sua principal idéia é a razão de Estado que implica, segundo ele, todos os interesses privados. Nossa moral atual não se pode acomodar certamente às lições de Maquiavel, mas é preciso também levar em consideração sua época e, então, será possível perdôá-lo. O **Príncipe** foi inscrito no "Index" em 1557, mas, supõe-se, com fundamento, que o foi exclusivamente por causa dos seus ataques à Igreja e ao clero, e não devido à sua amoralidade geral. E não esqueçamos que

Montaigne, moralista por todos reconhecido, pôde escrever, bem mais tarde que Maquiavel, que "o bem público exige que se traia, se minta e se massacre".

Ultimamente, um biógrafo disse de Maquiável que se este vivesse presentemente seria muito útil na redação de um grande jornal ou nos salões da "Sociedade das Nações". É perverso, mas exato, pois seu forte era a palavra e seu fraco a ação. É por isso, talvez, que ele admira toda ação vigorosa, por mais amoral que seja. É também por isso que até hoje se deseja ver no seu **Príncipe** um catecismo de muitos homens de Estado ambiciosos e que justificam as próprias ações com palavras desse pensador, palavras essas muitas vezes imprudentes. Ora, nos negócios políticos a moral é sempre pouco respeitada, e nisso está, talvez, a única afinidade desses estadistas com o **Príncipe** de Maquiavel, que ainda é interessante de examinar, mas unicamente como documento histórico que caracteriza uma era de nossa evolução. Como manual prático, perdeu todo valor.